

Sobre o mosaico dos processos identificatórios¹

Raquel Moreno Garcia²

A psicanálise, essa ciência freudiana, constituiu-se como método, como uma aposta em compreender o mais profundo do ser humano, a potência pulsional que lhe é própria, motor da vida, também promotor da morte. E, de fato, o mundo não foi mais o mesmo desde a descoberta do inconsciente, da sexualidade ampliada, muito além da genitalidade. Somos vividos pelo isso, a exigência de trabalho é incontornável. Entendemos a psicanálise enquanto a proposta mais importante, quicá eficaz, em abordar as problemáticas das subjetividades, em suas sofrências, em seus limites, em sua historicidade, geradas pela humanidade em seu conjunto.

1. Na psicanálise: responsabilidade e resposta

Sobre a responsabilidade e a resposta com a psicanálise, Laplanche cita *Aurora*, de Nietzsche: “Em tudo vocês querem ser responsáveis! Mas não pelos seus sonhos! Que miserável fraqueza, que falta de coragem consequente! Nada é mais seu do que os seus sonhos! Nada é mais sua obra!” (Nietzsche, 2004, p. 96; *apud* Laplanche, 2001, p. 125).

1 Trabalho apresentado em maio de 2026, na Jornada Científica da Vienna “O feminino que nos habita”.

2 Psicóloga, psicanalista, sócia-fundadora e presidente (2026-2028) da Constructo Instituição Psicanalítica. Diretora científica e coordenadora do Núcleo “Gênero, Sexo e Raça” e do Núcleo “Puberdade e Adolescência” da Constructo Instituição Psicanalítica de Porto Alegre/RS.

E Freud trabalha com as grandes humilhações, as debilidades, os descentramentos que nós, humanos, sofremos: em Copérnico, a terra não é o centro do universo; em Darwin, o homem não é a glória e a honra do reino animal e, em Freud, o homem não é o dono de sua morada – está descentrado. O homem deve ser reconduzido ao seu lugar – o feminino que nos habita?

Quem fala? Quem escuta?

Em companhia de Jacques André, cito:

A autoridade da psicanálise é inseparável da capacidade do analista. [...] A psicanálise é a única forma de tratamento psíquico a não recuar diante da parte mais sombria do homem [...], em sua descida aos infernos, em sua viagem psíquica [...] e por vezes quem recua diante da psicanálise é o analista, não o paciente (André, 2019, p. 230).

Responsabilidade em fazer trabalhar os enigmas, resposta/tradução.

Fazendo trabalhar as aporias de Freud, Laplanche nos oferta a situação antropológica fundamental em sua recolocação dos enigmas via situação analítica. Remete ao desamparo de todo vivente-*infans*, submetido aos cuidados, ao amor e ódio, à intrusão do inconsciente do outro cuidador. Em Laplanche:

Meu eixo de pensamento é que a violência humana – entanto humana e não animal – é sexual. O que se pode chamar pulsão sexual de morte não é biológico nem instintivo, ao contrário do que pensa Freud. Mas está ligada aos fantasmas sexuais que habitam nosso inconsciente e do que cada dia dão fé nossos

sonhos, como recordávamos ao princípio com Freud e com Nietzsche (Laplanche, 2001, p. 141).

E o pequeno ser humano, em sua autoconstrução, deve responder às mensagens carregadas de sexualidade estrangeira e, nesse processo, restam restos não traduzidos, não ligados, que qualificamos de inconscientes. “Aqui está o cultivo puro de pulsão de morte, de desligação, de alheamento a que seguimos intimados a responder como fomos intimados a responder ao adulto parental” (Laplanche, 2001, p. 142).

“Uma das coisas que creio saber é que a psicanálise, a cura, a situação analítica, que Freud inaugurou, é o lugar capital, senão o único, em que o ser humano pode tentar reelaborar sua resposta, suas respostas à alteridade do sexual, nele primeiramente, quiçá afora” (Laplanche, 2001, p. 142).

Com a pulsão: exigência de trabalho. Força irreduzível, inevacuável, porém possível de ser transformada, metabolizada, no *après-coup* da vida, da cura. Aqui estamos, nós, transformando e metabolizando.

2. No outro, a gênese: de humano para humano

O fato de que os seres humanos sejam crias destinadas a humanizar-se na cultura marca um ponto incontornável de sua constituição: a presença do semelhante é inerente a sua organização mesma. No outro se alimentam não somente nossas bocas senão nossas mentes; dele recebemos junto com o leite, o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossas valorações ideológicas. O outro está inscrito em nós, e isto é inevitável (Bleichmar, 2005, p. 8).

A partir de Freud, em sua teoria das inscrições/representações, nos textos pré-psicanalíticos, estamos em tempos da ajuda alheia no texto do “Projeto para uma psicologia científica” (1895), o aparelho que de neuronal e quantitativo/qualitativo se constituirá em detentor de memória em “Carta 52” a Fliess. Marcas daquilo que ingressa do externo, do mundo, do mundo interno do outro pelas zonas que serão adiante nomeadas por Freud como zonas de trocas, de intercâmbio, zonas erogeneizadas, para nunca mais serem silenciadas, no encontro do adulto com a criança, nos cuidados básicos. E o que seria da ordem da autoconservação se faz “pervertido” pelo pulsional deste outro cuidador, provido de inconsciente com seus derivados. Aqui, de a mãe sedutora dos *Três ensaios* de 1905 até a prioridade do outro com suas mensagens enigmáticas da situação antropológica fundamental de Laplanche, até as inscrições sexualizantes/traumáticas e humanizantes de Bleichmar.

O rumo a seguir em Freud será o de decifrar o enigma do funcionamento mental, pressionado pela psicopatologia e inspirado nos sonhos, tomar o modelo da interpretação dos sonhos e elaborar um aparelho, agora aparelho da alma. Freud forneceu um sofisticado modelo de funcionamento psíquico que, fechando-se, trabalha e elabora aquilo que ingressa, os aportes do outro, o outro que acalma as urgências e promove as excitações que advirão: urgências da pulsão. E assim teremos uma história que se inicia, desse ser insipiente, tempos de desamparo (*Hilflosigkeit*), a partir daquela ajuda alheia – uma ação específica.

Laplanche elabora a psicogênese da pulsão ou uma gênese intersubjetiva da pulsão pelas vias da teoria da sedução generalizada, enquanto situação antropológica fundamental. Acenamos, então, para o movimento copernicano diante daquele movimento ptolomaico. Trazemos a nascente da pulsão: uma força constante – *Drang*, com uma única direção – progrediente e irreduzível, mas transformável, o que sinaliza a existência de um mundo interno composto de resíduos da prioridade do outro sob um

regime metabólico que podem ser apreendidos e resgatados *a posteriori* no decurso da vida, da cura.

Nessa perspectiva, considera-se o Inconsciente como não existente desde os inícios da vida, mas como um produto de cultura, só que fundado no interior da relação sexualizante com o semelhante e fundamentalmente como produto do recalçamento originário que oferece um topos definitivo às representações inscritas nos primeiros tempos de tal sexualização.

Ao fazer trabalhar os aportes freudianos sobre a gênese e a constituição da sexualidade, Silvia Bleichmar discorre sobre o processo de pulsação primária, o que remete às inscrições sexualizantes veiculadas pelos cuidados de um outro que asseguram a vida e inauguram zonas erógenas com um *plus* de prazer irredutível absolutamente diverso das grandes necessidades somáticas, as quais são passíveis de uma completa satisfação. Cito:

O princípio de inércia, tendência à descarga zero, é perturbado a partir de algo inerente às transformações mediante as quais este aparelho incipiente fica entregue a inscrições que são efeito da impulsão do semelhante; “vivência de satisfação” na qual o outro, para sermos mais precisos, restos desprendidos da sexualidade do outro, estão necessariamente inscritos. [...] A partir da vivência de satisfação, geram-se então conexões entre imagens-recordações (Bleichmar, 1994, p. 21).

Esse processo insiste diante do ressurgir do desejo, inscrições primeiras constituindo as bases, o embrionário de toda simbolização, em seus inícios, com a implantação do autoerotismo.

A grande descoberta freudiana trouxe à luz a existência do inconsciente e a potência da sexualidade infantil em suas manifestações no infantilismo

da sexualidade, o que, segundo Laplanche, não está do lado do sexo anatômico nem do gênero, mas no sexual (no demoníaco). O sexual se inscreve a partir da implantação pulsional dos outros nos primórdios da vida da criatura humana. Sua instalação dá origem ao objeto-fonte da pulsão e rompe precocemente as linhas adaptativas, curto-circuitando qualquer possibilidade de resolução da excitação psíquica pelas vias biológicas, pondo em marcha por toda uma vida processos de transições, simbolizações, transformação de pulsão sexual de morte em pulsão sexual de vida, a partir das intensidades do romance familiar. Somos sujeitos condenados a pensar, teorizar, traduzir os grandes enigmas da vida transportados pelo outro, os grandes enigmas da sexualidade implantados pelo outro, nem o grande, nem o pequeno, mas o outro da assistência alheia, da ação específica que, tendo nos retirado da imediatez biológica, põe em marcha um processo inescapável de humanização.

3. Sobre o tripé constitutivo do Eu: recalcamento originário, narcisismo primário, identificação primária

Adianto um trecho do livro *Silvia Bleichmar: metapsicologia e clínica psicanalítica*, a ser lançado pela editora Blucher, escrito em conjunto com Ethel Battikha:

Estando atravessada/o por todos os seus sistemas simbólicos, do lado do Eu, do narcisismo, a mãe/o pai/o adulto cuidador/a vê o filho como um todo e ama nele algo que ele ainda não é e que, de maneira geral, nunca será. Trata-se de uma apropriação ontológica, o modo como o adulto parasita simbolicamente a criança, atribuindo-lhe a categoria de semelhante: identificação transitiva. Se o adulto não a reconhecer como ser humano, da

mesma espécie, não poderá projetar no bebê formas de afeto e de representação de si mesmo (Garcia; Battikha, [no prelo]).

Os destinos da pulsão acompanham, assim, as sucessivas estruturações do aparelho psíquico, que se complexifica ao longo do tempo e permanece em constante reconfiguração ao longo da vida.

Faz-se necessário o conceito de sexualidade ampliada, no qual o masculino e o feminino, o ativo e o passivo, já seriam formas de tratativas de ordenamento anteriores ao reconhecimento da diferença anatômica dos sexos ou correlativas à chamada angústia de castração. Isto porque a enunciação do gênero, das sexualidades, se inscreve na identidade nuclear do Eu, antes mesmo que a criança estabeleça sua relação com a genitalidade: quem eu sou. Aqui remetemos ao que nomeamos de tríade fundamental correlacionada: recalamento originário, identificação originária, narcisismo originário, matérias-primas na constituição do Eu. O Eu se constitui por investimento libidinal do outro e perdas/separações.

No prefácio do livro *Identificação imanência de um conceito* (Paim Filho; Moreno Garcia, p. 9, 2023), citamos Jacques André em seu texto “Eu, outro mesmo”:

A identificação e a experiência subjetiva da perda são inseparáveis. Na visão que nos é mais familiar desde Freud, a identificação ocasiona no Eu o reestabelecimento de um objeto que “foi perdido ou abandonado”. Trata-se, pois, de uma questão de compensação. Se considerarmos que a perda, longe de ser um dos destinos possíveis do objeto, é constitutiva do mesmo (o encontro com o objeto é sempre uma história de reencontros), será fácil argumentar que as duas dimensões – investimento e identificação, possuir e *ser como* –, mais do que se excluem ou

se sucederem, buscam apenas entrelaçarem seus efeitos. O espaço para a identificação está inscrito na própria pulsão, ali onde algo nela se opõe à satisfação plena, ali onde o objeto se perde (André, 2023, p. 9).

Silvia Bleichmar (2015) aponta que, enquanto o autoerotismo se refere ao primeiro tempo da vida sexual, “a identificação é um tempo segundo da constituição sexual do sujeito, correlativo à instauração do narcisismo e estruturante do eu” (p. 73). Não diz respeito à constituição do inconsciente, mas à tópica do eu. Nessa direção, a instauração da clivagem tópica via recalque originário, que funda o inconsciente sepultando os representantes pulsionais do autoerotismo, propicia a organização do narcisismo, constituindo a condição fundamental para a instalação das identificações primárias.

A identificação primária se constitui como pontos de ancoragem, amarras ao objeto, garantindo que o eu se preserve e diga de sua permanência. Formada por enunciados nucleares do sujeito, a identificação primária se mantém ao largo da vida – ser e sentir-se real, em Winnicott, garantindo estabilidade psíquica, sustentando a integração do eu.

Por outro lado, em seu fracasso, teremos o fracasso da historização do eu, como na *mímesis*, o que implica em imitação não metabólica. Aspectos falhados do eu, restitutiva dos aspectos de déficit narcisista. Para que haja identificação simbólica, organização da representação do eu, tem de haver incorporação metabólica, o que não prescinde de uma proposta identificatória do outro mas é, antes de tudo, sua própria condição.

Então as identificações primárias são precipitados que possuem como estatuto material os enunciados, as mensagens do outro que pressupõem ali alguém. Alguém enquanto nome, enquanto gênero, os elementos que

formam o núcleo do Eu. E como condição para que se constituam, o outro deve primeiramente identificar-se à criança, ofertando uma proposta, uma aposta identificatória, linguageira.

As identificações secundárias edípicas e pós-edípicas chegam para fortalecer o Eu-representação, constituindo-se em atributos derivados dos objetos parentais renunciados, abandonados e participam na conformação das instâncias ideais. No ideal do eu e supereu, inscrevem-se mandatos, imperativos e enunciados na perspectiva de gênero e raça com promessas que se lançam como representações ideais, com imposições ao eu no que tange ao como deve ser.

Temos, então, a longa trajetória que vai da dispersão autoerótica, do sexual demoníaco inscrito/transcrito, à unificação narcísica, ao amor a si alcançando o amor ao objeto, sendo um processo totalmente condicionado ao ser amado, investido e, em sua abreviatura, ao ser. Então, para ser, faz-se necessário antes ser identificado por, o que também diz de uma sorte de passivação nesse complexo identificatório. Temos os conceitos desenvolvidos com anterioridade a Laplanche por Bleichmar e Paulo de Carvalho Ribeiro. Em Bleichmar, como referidos acima, sobre a identificação transitiva ofertada pelo adulto em seus investimentos em direção à criança, fornecendo as condições para que se instituem as identificações (Bleichmar, 2015); e, em Ribeiro, sustentando o conceito de identificação passiva no sentido de repensar as origens do sujeito psíquico a partir da função do outro e da alteridade, considerando tudo aquilo que do mundo e do outro humano se impõe ao *infans* antes mesmo de se constituir como sujeito psíquico (Ribeiro, 2000).

Aqui nos detemos na potência dos investimentos libidinais aportados pelo outro adulto em tempos de infância. A eticidade do outro que, reconhecendo ontologicamente a cria como humana e ao mesmo tempo como um outro,

único, inaugura e assegura os fundamentos para que as diferenças se instituem: interno/externo no psiquismo; dentro/fora; eu/tu. Bleichmar remete à assimetria constitutiva e simbólica entre adulto/criança para que um psiquismo ganhe corpo e alma, e o Eu, essa massa defensiva, faça frente às intensidades da alteridade que o habita, ao feminino que nos habita.

Na riqueza e consistência dos aportes de Tarelho, encontramos o resgate da operação da recusa em Freud, propondo com essa reflexão enfrentar dois desafios: pensar a recusa no contexto da teoria tradutiva de Laplanche e mostrar a pertinência da intuição freudiana que admite a necessidade de considerar sua presença em toda estrutura psíquica. Cito:

O ponto sobre o qual é preciso insistir aqui é essa ideia de que as primeiras identificações acontecem antes da divisão tópica, isto é, antes da constituição do Eu como instância. Essa ideia pressupõe que é preciso novas identificações, uma “nova ação psíquica”, como disse Freud, para que esse narcisismo em formação se precipite e possa dar lugar a uma forma, a uma *Gestalt*, que serve de enquadramento para a constituição do Eu-instância. O que nossa reflexão sobre a recusa permite acrescentar aqui é que esse enquadramento é fruto não apenas da capacidade de ligação trazida pelo adulto, tão bem destacada por Bleichmar e por Ribeiro, mas também da capacidade de fechamento. Esse fechamento me parece ser um atributo ligado mais diretamente à recusa, e à clivagem que ela produz, assim como à capacidade de tradução-simbolização da criança, que, nesse ínterim, começou a se desenvolver (Tarelho, 2025, pp. 149-150).

Tendo em vista o mosaico identificatório, a imagem de pequenos fragmentos que constitui as identificações, os precipitados no Eu, efeito da separação, renúncia dos objetos primários, em sua negatificação, teremos esses processos que cumprem uma função defensiva diante das intensidades

do sexual – o outro em mim, que se constitui no marco de uma história, impossível de ser superado, é residual, está inscrito para sempre, não só no que o sujeito alcança saber, mas sobremaneira no que ignora, desconhece, o inconsciente. O feminino que nos habita? Aqui estão as origens da tópica psíquica, com sua ancoragem no pré-subjetivo, no parassubjetivo.

Com base em Freud e Bleichmar, trazemos erogeneidade, erotismo e amor. Sabemos que subsiste, em toda condição amorosa, uma raiz sexual sublimada, o que não homologa erogeneidade ao amor; a equação é mais complexa. Para alcançar o amor, faz-se necessário a erogeneidade transformada; encontraremos prazer sexual ligado pelo amor ou desligado no gozo. Amor é resposta, cuidado, a garantia fornecida pelo outro semelhante àquele que, também sendo vivido pelo desamparo e alcançado a condição humana, da castração ontológica, se constituirá em agente da ação específica, um suporte via sua eticidade para com o semelhante, para ir em socorro do pequeno ser incipiente. Uma história humana ganha vida. Um corpo ganha alma.

4. Um mosaico identificatório

Se convocarmos a psicanálise da singularidade, da escuta sobre os efeitos da alteridade na constituição do psiquismo, efeito de uma história pulsional, não pautada por orientações pré-formatadas da herança filogenética, operamos a partir de vicissitudes dessa história do sujeito e de um sujeito inserido numa dada cultura produtora de subjetividade, e aqui remeto aos postulados de Silvia Bleichmar: a diferença entre constituição de psiquismo e produção de subjetividade, da qual comparto. A produção de subjetividades se constitui como processo de ordem histórica, social e política, isto é, como os modos em que cada sociedade determina as formas com as quais o sujeito se constitui enquanto sujeito social, sua pertinência.

Enquanto isso, a constituição de psiquismo diz respeito aos conjuntos dos sistemas representacionais e sua densidade simbólica ao longo do constituir-se sujeito de inconsciente, de Eu, de si.

Operamos com o conceito de sexualidade ampliada, a sexualidade que não se limita à genitalidade e muito menos às formas em que a função sexual estabelece seus enlaces, uma vez fornecidas as condições para que o sujeito a acesse. Portanto, a sexualidade não se constitui como caminho linear, qual seja, da pulsão parcial à assunção da identidade, passando pelo estágio fálico e o Édipo como marcos de seu percorrido, mas como um complexo movimento de enlaces e ressignificações, articulações provenientes de diferentes extratos da vida psíquica e da cultura.

Trabalhando com o conceito de identificação, principalmente sobre as condições da identificação, Silvia Bleichmar considera esse conceito como uma operação fundamental que gera os pré-requisitos para instituir a subjetividade, garantindo a constituição psíquica. Sendo assim, essa tópica se constituirá como marco da alteridade que implantará tanto os objetos sexualizantes que dão origem à pulsão e geram as bases do inconsciente, quanto as vias de ligação e contrainvestimento que precipitam as instâncias secundárias.

Em Facundo Blestcher:

Os enunciados que haverão de configurar o posicionamento de gênero por via das identificações primárias configuram conteúdos nucleares da representação egoica e se inscrevem com anterioridade ao reconhecimento da diferença anatômica dos sexos. Por isso, uma vez que se inscrevem metabolicamente e estabilizam a argamassa representacional do eu, não podem ser desmantelados a não ser sob o risco de desencadearem uma desestruturação psíquica (Blestcher, 2024, p. 48).

Trabalhamos com as teorias copernicana e ptolomaica na constituição do Eu via identificações primárias, processo histórico em sua materialidade daquilo que fora bem vivido ou do malparado. E sobretudo não reduzido à categoria do mítico.

Nessa proposta, estamos explorando o reverberar do inconsciente dos pais, desejos inconscientes dos pais, enquanto ruídos (*les bruits*) que interferem e comprometem as mensagens pré-conscientes/conscientes na designação do que em sociologia e antropologia conhecemos como gênero e, em psicanálise, propomos com Jacques André como sexo psíquico e, portanto, enigmático para alguém de performático. Laplanche propõe o termo “designação”.

Em sua tese de doutorado *Psiquismo racializado?: uma leitura psicanalítica sobre subjetividade a partir da teoria da sedução generalizada e da decolonialidade*, Thalita Rodrigues aporta aos desenvolvimentos de Laplanche uma profunda e incontornável reflexão sobre o efeito da desmentida com relação ao racismo estrutural: “Ora, se gênero, um conceito importante que nomeia e explica dinâmicas de poder, foi incorporado à TSG, seria possível incorporarmos outros conceitos e dinâmicas? A partir desse questionamento propus a(s) mensagem(ns) enigmática(s) de designação(ções) racista(s)” (Rodrigues, 2023). Em minha leitura, os processos de subjetivação retratados pela TSG são racializados, ou seja, tanto a sedução quanto a tradução/simbolização são racializadas. Como isso aconteceria? A autora sustenta que as mensagens de designação de raça dizem de uma dinâmica social e libidinal de como o racismo estrutural se estabelece nas relações humanas onde a branquitude goza de privilégios às custas da invisibilidade ou invivibilidade do negro, a partir da constituição do psiquismo. Temos esquemas narrativos culturais, nos quais a anatomia, o fenótipo, traça o destino.

Partimos do “destino é a anatomia” de Freud para o destino é a anatomia imaginária/imaginarizada por este outro da assimetria constitutiva. Aqui é o inconsciente dos pais com seu determinismo, aquele das inscrições que o fundaram com um pacote completo composto por mensagens carregadas de conteúdos de gênero, raça, classe, esse adulto que irá instaurar o determinismo do inconsciente da criança, que com sua força disruptiva imporá um trabalho, trabalho de metábole, de apropriação, de lutos/perdas e transformação do que com maior ou menor nível de traumatismo acometeu essa criança orifical. Pelos orifícios do corpo ingressa o que se constituirá em complexas redes de representações, instâncias primárias, secundárias numa linguagem de sínteses no eu inconsciente/no pré-consciente.

Os destinos de pulsão serão os destinos das estruturações sucessivas pelas quais o aparelho psíquico vai percorrendo até sua complexização definitiva, constantemente reconfigurada ao longo do viver, se bem viver.

Portanto, as questões que dizem respeito às razões das diversas manifestações da sexualidade na infância são múltiplas (exemplo: infâncias trans segundo Facundo Blestcher, travestilidade infantil segundo Bleichmar), não se reduzindo ao posicionamento da criança diante da castração, mas ao complexo de castração, aos modos de articulações muito singulares entre as formas de organização dos atributos de gênero e os fantasmas que ensejam o desejo sexual a partir da presença prenante do outro com suas consequências psíquicas.

Reduzir as vicissitudes da sexualidade infantil a uma única vertente, ao único ordenador castração/édipo, significa diluir o descobrimento fundamental da psicanálise, qual seja o processo de constituição das identificações, da constituição do Eu, enquanto articulador defensivo para fazer frente ao pulsional provido pelo outro e antes mesmo que a diferença anatômica seja percebida pelo sujeito psíquico.

Afirmamos que, entre a biologia e o gênero, a psicanálise tem introduzido a sexualidade pulsional/objetal que não se reduz nem à biologia, nem aos modos dominantes/dominadores de representação social.

Enquanto o objeto das ciências humanas (de historiadores, sociólogos, antropólogos) é a vida sexual dos adultos, bem como assinalar as representações coletivas que prevalecem em um meio discursivo e socialmente determinado, o objeto do psicanalista é o sexual infantil, o infantilismo da sexualidade que, recebendo um complexo tratamento, se constituirá como núcleo da identidade do ser, levando a que, a seguir eu me perceba como menina, menino, trans, bi, fluido, travesti, homo, hétero, todo um ser com direito a ambiguidades. E aqui estamos no terreno das diferenças, não as diferenças dos sexos, tão ingênuas quanto ineficazes, sendo toda a diferença uma via organizadora do psiquismo, instituinte de uma tópica psíquica.

Laplanche propõe a tríade “gênero-sexo-sexual” e lança a proposição:

O Sexual, polimorfo será o resíduo inconsciente do processo de recalçamento/simbolização do gênero que o sexo consolidará. Este sexo que virá fixar este gênero, fornecendo-lhe estabilidade. Sexo secundário e organizador, uma sorte de simbolização do gênero, então assegurando estabilidade narcísica ao ser humano (Laplanche, 2015, p. 155).

Trazemos a figura de um mosaico identificatório, segundo Blestcher:

Se outorgamos preeminência aos componentes ideacionais da representação de si em relação ao sexo anatômico atribuído no nascimento, renunciando à pretensão normatizante de estabelecer uma concordância ineludível, as identificações de

gênero poderão se caracterizar como cis, trans, travestis, não binárias ou outras, sem que disso decorra obrigatoriamente um parecer em relação à saúde ou patologia do sujeito.

Esta trama identificatória pode ser comparada com a figura do mosaico: uma composição que se apresenta como relativamente unitária mesmo que se trate da combinatória de uma multiplicidade de fragmentos [...] embora possa ser imaginarizada como uma unidade em função da tendência do eu à síntese, é o efeito da disposição de identificações diversas, heterogêneas e até contraditórias e móveis. Esse mosaico identificatório, que opera como sustentáculo representacional para o eu e suporte das crenças que animam sua própria existência como sujeito, reúne as pegadas da história da sua constituição (Blestcher, 2024, p. 48).

Quais as possibilidades de escuta do e da analista desse “Sexual infantil” em suas manifestações dentro deste tempo que nos toca viver? Estamos preparados por dentro e por fora? O que escutamos do que nos dizem nossos pacientes em suas sexualidades diversas, em sua negritude, branquitude, dissidentes da normatividade ainda vigente, do racismo estrutural que segue insistindo?

As variações das sexualidades e dos gêneros ficaram reduzidas a uma série de dicotomias asfixiantes: homem ou mulher, branco ou negro, masculino ou feminino, ativo ou passivo, heterossexual ou homossexual. A cristalização dessas oposições excludentes promoveu um achatamento da compreensão da heterogeneidade de estratos da vida psíquica e da diversidade de experiências subjetivas, denuncia Blestcher.

Que possibilidades tem o/a analista de escutar esse sexual infantil em suas manifestações dentro deste tempo que nos toca viver? Estamos preparados por dentro e por fora? O que escutamos do que nos dizem nossos pacientes

em suas sexualidades diversas, dissidentes da normatividade ainda vigente, do racismo estrutural que segue insistindo?

As variações de sexualidades e gêneros ficaram reduzidas a uma série de dicotomias asfixiantes: homem ou mulher, masculino ou feminino, ativo ou passivo, heterossexual ou homossexual. A cristalização dessas oposições excludentes promoveu um achatamento da compreensão da heterogeneidade de estratos da vida psíquica e da diversidade de experiências subjetivas, denuncia Blestcher.

A teoria/ideologia de gênero/raça é inseparável de um desafio democrático, do desejo de levar igualdade para onde ela está pouco presente entre os seres humanos. E a psicanálise fundamenta-se nesse inconsciente nosso de todos os dias e todas as noites, politicamente incorreto e ineducável, ilimitada fonte pulsional desse estranho, o feminino que nos habita, *unheimlich*.

Sendo a singularidade o alvo da psicanálise, trata-se então de defini-la fora da nostalgia da unidade, para ressaltar a multiplicidade que a constitui. As singularidades de gênero, cultura e etnia vêm contestar a imposição de um modelo único para dar conta da diversidade psíquica (Ayouch, 2019, p. 24).

E por aqui? E entre nós?

No hoje mais do que no ontem se impõe à psicologia/psicanálise, a saída do *closet* epistemológico, uma psicologia/psicanálise dissidente, desviada, despatriarcalizada, des-heteronormatizada, decolonial, que ultrapasse leituras canônicas e escutas defensivas: aquelas dos/das psicanalistas.

A clínica demanda do psicanalista, é ativa sempre, é fonte inesgotável de trabalho interno dessa dupla na busca de saídas dos labirintos da compulsão,

da repetição, no encontro de sentidos ou novos sentidos para a existência. Ela testemunha os limites entre o eu e o objeto, o familiar e o estrangeiro, onde o analista é convocado graças à descoberta de sua humanidade, que o retira do templo das divindades, pois que é vivido pelo sexual, o seu.

A clínica nos desperta de nosso torpor, nos chama a honrar a vida, a nossa e a do outro. A psicanálise é sempre da repetição, a nossa clínica é pela neogênese. Que possamos trabalhar com a potência das origens da psicanálise, com paixão e audácia, rompendo formações defensivas e empreendendo o bem maior que é a vida, a liberdade, a ética para com o semelhante, sobretudo nestes nossos tempos de padecimento. Uma psicanálise proteica!

Bibliografia

- André, J. *As desordens da vida* (org. Raquel Moreno Garcia e trad. Vanise Dresch). Sulina, 2019.
- André, J. Eu, outro mesmo. In I. A. Paim Filho & R. M. Garcia. *Identificação: imanência de um conceito*. Blucher, 2023.
- Ayouch, T. *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações*. Curitiba, Calligraphie, 2019.
- Bleichmar, S. *Fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito* (trad. Kenia Ballvé Behr). Artes Médicas, 1994.
- Bleichmar, S. Do motivo da consulta à razão da análise. (trad. Maria Cristina Perdomo e Rogéria Coutinho Perdomo). Zagodoni, 2015.
- Bleichmar, S. *La subjetividad en riesgo*. Topía, 2005.
- Blestcher, F. Dissidências sexuais e identificações de gênero: um teste a partir da metapsicologia. In K. de A. Araújo & R. M. Garcia. *Sofrimentos contemporâneos: desafios à psicanálise*. Blucher, 2024.

Garcia, R. M. & Battikha, E. *Silvia Bleichmar: metapsicologia e clínica psicanalítica*. Blucher (no prelo).

Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración: el hombre* (trad. Irene Agoff). Amorrortu, 2001.

Laplanche, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Dublinense, 2015.

Nietzsche, F. *Aurora* (trad. Paulo César de Souza). Companhia das Letras, 2004.

Rodrigues, T. Psiquismo racializado? Uma leitura psicanalítica sobre subjetivação a partir da Teoria da Sedução Generalizada e da decolonialidade. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

Tarelho, L. C. Sobre a recusa e seu papel no processo tradutivo. In K. B. Behr & L. Facury (Orgs.), *Impasses do processo tradutivo na obra de Jean Laplanche*. Zagodoni, 2025.

Raquel Moreno Garcia

Rua Florêncio Ygartua, 391/301

Porto Alegre – RS

raquel@cedem.com.br

© Constructo Revista de Psicanálise